

> Reflexões de um cineasta indígena sobre o cinema indígena contemporâneo

Resumo >

O presente texto é uma reflexão sobre as inquietações de um cineasta indígena sobre os dias atuais, que teve como ponto de partida a conversa com os realizadores indígenas Graciela Guarani e Alexandre Pankararu por meio de uma *Live* realizada pela Fundação Cultural Badesc de Florianópolis, SC. Ao longo deste diálogo vários pontos foram abordados, como propor outras linguagens e gêneros de produção, ver o cinema indígena como área de emprego, pensar sobre a distribuição e o público dessas produções. Independentemente de todos os aspectos levantados, o cinema indígena é e sempre será uma forma de resistência e enfrentamento.

Ítalo Mongconãnn

**Bacharel em Cinema e em
Comunicação Social**

**Universidade Federal de Santa
Catarina**

Palavras-Chave >

Cinema Indígena; Gêneros cinematográficos; Empregabilidade; Distribuição.

Claro, não desconsidero aqui todo o acervo e produções que temos sobre o cinema indígena em diferentes povos nesse gênero cinematográfico, de quem participou, fez e se propôs em nos apresentar o cinema, porque certamente foram anos de trabalho para consolidar projetos, produções e a temática **Cinema Indígena**. E o que falo não se refere a parar de produzir esse gênero, o documentário, mas existem tantas outras possibilidades com as quais podemos explorar com nossas narrativas, mitos e ancestralidades. Penso que talvez seja o momento de arriscarmos e explorarmos mais as nossas propostas de produções em diversos gêneros e linguagens que o cinema nos oferece. E para melhor entender, trago exemplos das possíveis produções: como pensar em narrar nossos mitos na linguagem de animação, pensar uma proposta seriada a partir das narrativas dos anciões, pensar uma ficção partindo de um conto da aldeia, um filme de terror baseado na oralidade indígena, um filme de gênero fantástico e quem sabe tantos outros possíveis. Entendo que tudo isso requer um preparo, tempo e recursos financeiros..., mas por que não?

Nós realizadores e realizadoras indígenas vemos o cinema como uma nova ferramenta de luta, pois não somente o cinema, mas outras formas de expressões artísticas como a música, as artes plásticas, a fotografia, a literatura e tantas outras, onde existem parentes indígenas de diversas etnias atuando. Porém, talvez aqui eu seja um pouco crítico, mas me preocupa hoje, e até fico me perguntando enquanto profissional, que é sobre a empregabilidade de nós indígenas no setor cinematográfico? Considero um ponto muito importante, e que é pouco falado. Sabemos que é muito difícil para qualquer indígena ter acesso ao mercado trabalho. Uma das poucas áreas que nos abrem as portas e nos incentiva é a academia (docência), que é uma área que precisa ser valorizada, reconhecida, mas a mesma é intensa e exige uma árdua trajetória para nós indígenas, porque a universidade não foi feita e pensada para nós, porém, é um espaço no qual nós estamos demarcando aos poucos. Mas os convido para refletirmos juntos.

Não quero aqui criar polêmicas, mas falo com base em experiências vivenciadas ao longo da minha trajetória e de trocas com outros parentes de diversas etnias, os quais possuem uma formação e lutam diariamente para se inserirem no mercado trabalho em diferentes áreas. Mas o que vale a reflexão nesse ponto é: qual o lugar de um profissional indígena numa sociedade estruturalmente racista? Aí voltamos para a questão abordada no filme "Nossa alma não tem cor": o racismo contra as populações indígenas.

Pensar a empregabilidade no setor cinematográfico do país, envolve uma série de questões, até porque um profissional indígena do cinema pode trabalhar na edição, na montagem, no som, na direção de arte, na fotografia, na produção, no figurino, na maquiagem e em outras áreas que o cinema oferece, em filmes indígenas e não-indígenas. Eu mesmo poderia trabalhar com um diretor não-indígena num roteiro, por exemplo, ou na produção de algum outro produto. Enfim, reforço que essa "empregabilidade" é mais complexa do que imaginamos. Mas considero que precisamos nos inserir em novos contextos, atuar em outras frentes para sermos vistos como profissionais. E parar de ficar somente sendo contratados como consultores, isso quando não nos convidam para trabalhar, "fazer a consultoria ou a pesquisa" de graça, como já aconteceu comigo algumas



Em minhas reflexões sobre o Cinema Indígena, partindo de uma troca com a realizadora Graciela Guarani e o realizador Alexandre Pankararu na noite do dia 23 de junho, a qual ficou reverberando questões como os gêneros cinematográficos, empregabilidade no setor, distribuição e público, considero que temos ainda uma longa estrada para caminhar e diversos desafios para enfrentarmos em várias esferas, e toda ajuda é muito bem-vinda para que o vento possa levar nossas produções aos quatro cantos do mundo.

E sabe, concordo com uma fala de Graciela:

Muito se fala que grande parte das narrativas apresentadas pelas produções indígenas, principalmente no gênero documentário, trazem narrativas fortes, chocantes e com uma carga emocional vividas por nós, enquanto produzimos o filme, e também, de nossos personagens os que contam a narrativa (GRACIELA, 2020).

De fato, acontece, e é difícil de descrever. Mas, em dias atuais, nós realizadores e realizadoras indígenas precisamos diversificar a forma como contamos nossas histórias e apresentamos as nossas narrativas, precisamos agregar e fortalecer dentro das nossas produções outros gêneros, como a ficção, as narrativas experimentais, a linguagem da animação, narrativas seriadas (sendo documental ou não) e tantas outras possíveis. Isso me faz lembrar de uma outra conversa que tive com o parente Guarani Eliezer Antunes, estudante de cinema da Universidade Federal de Santa Catarina, sobre as diversas linguagens e gêneros que nós, realizadores e realizadoras indígenas podemos trabalhar, mesmo com nossas narrativas. Pois, em 2019, quando Eliezer propôs o curta-metragem "Jovens Guarani", o mesmo realizou o filme em uma linguagem ficcional, e construiu uma narrativa partindo da sua experiência. E ele mesmo comentou em uma conversa, de que tem muita vontade e pretende seguir trabalhando com filmes de ficção e outras linguagens abordando a questão indígena.

Considerando sobre a nossa empregabilidade no setor cinematográfico brasileiro, acredito que muitas discussões e ações precisam ser construídas junto aos realizadores e realizadoras indígenas e a Agência Nacional do Cinema (Ancine). Talvez nem seja preciso ser a nível nacional, mas articular com os sindicatos locais ou regionais para que nós possamos nos inserir em diversas produções e funções dentro da área. E um outro ponto em que me questiono é sobre os editais ou formas de captação de recursos para realizar nossos trabalhos. Existem vários, mas em sua maioria os mesmos são excludentes por suas formas rigorosas de processo de seleção. Este é um outro ponto que precisa ser melhorado pelo setor cinematográfico brasileiro, o de terem uma melhor divulgação e melhorar o acesso desses recursos também para os realizadores e realizadoras indígenas. Não somente para produzirmos cinema, mas também como forma de incentivos de distribuição (exibição e público).

Sobre os espaços de exposições, acredito que precisamos melhorar em vários aspectos, não só para o cinema indígena, mas como um todo, pois o setor precisa pensar sobre o número de salas existentes, acessibilidade, valores de ingressos, deslocamentos e por aí vai. É um desafio a ser



Reflections of an indigenous filmmaker on contemporary indigenous cinema

Abstract: This text reflects concerns of an indigenous filmmaker about current days, which had as a starting point a talk with the indigenous filmmakers Graciela Guarani and Alexandre Pankararu through a live stream held by Fundação Cultural Badesc from Florianópolis, SC. Throughout this discussion, several points were addressed, such as: proposing other languages and genres of production, viewing indigenous cinema as employment, and thinking about these productions' distribution and audience. Irrespective of all the aspects raised, indigenous cinema is and will always be resistance and confrontation

Keywords: Indigenous cinema; Cinematographic genres; Distribution.

Recebido em 5 de agosto de 2020

Aprovado em 31 de março de 2021

